

# TIC's, internet e capital social\*



*Heloiza Matos*

*Professora de Pós-graduação da Faculdade Cásper Líbero  
Pesquisadora associada ao Gresec (Université Stendhal-França)  
E-mail: heloizamatos@gmail.com*

**Resumo:** O artigo discute as possíveis relações entre as Tecnologias da Informação e da Comunicação (TIC's), particularmente a internet, e seus impactos nos níveis de capital social. Para isso, apresenta um levantamento acerca do conceito de capital social, sua origem e desenvolvimento; detendo-se especialmente sobre a contribuição de Robert Putnam. Indica contribuições francesas recentes sobre o conceito, como preâmbulo para o tratamento central entre TIC's (internet) e capital social. Para finalizar, algumas conclusões e recomendações apresentam desafios para a ampliação e o aprofundamento do estudo do capital social no campo da comunicação.

**Palavras-chave:** Tecnologias da Informação e da Comunicação (TIC's), internet, capital social.

## *TIC, internet y capital social*

**Resumen:** El artículo discute las posibles relaciones entre las Tecnologías de la Información y de la Comunicación (TIC), particularmente la internet, y sus impactos en los niveles de capital social. Para ello, presente un levantamiento acerca del concepto de capital social, su origen y desarrollo; deteniéndose especialmente sobre la contribución de Robert Putnam. Señala contribuciones francesas recientes sobre el concepto, como preámbulo para el tratamiento central entre TIC (Internet) y capital social. Para finalizar, algunas conclusiones y recomendaciones presentan desafíos para la aplicación y la profundización del estudio del capital social en el campo de la comunicación.

**Palabras claves:** Tecnologías de la Información y de la Comunicación (TIC), internet, capital social.

## *TIC'S, internet and social capital*

**Abstract:** This article analyses the possible relations between the Information and Communication Technologies (TIC's) in particular to the internet- and the social capital. In this sense, a range of concepts concerning social capital is presented and further developed, with a particular focus on the work of Robert Putnam. The article also discusses the recent french contributions to the concepts, before going on to the central issues in TIC's (internet) and social capital. We finish presenting some conclusions and recommendations concerning the challenges for the growth and deepening of the study of social capital on the sciences communications' field.

**Key words:** Information and Communication Technologies (TIC's), internet, social capital.

O conceito de capital social não é novo, e, atualmente, abarca um vasto campo, convergindo interesses da sociologia, da economia institucional, da ciência política, e das áreas relacionadas com o desenvolvimento econômico e social – educação, saúde, emprego, urbanismo e, mais recentemente, a tecnologia da informação e da comunicação (TIC) e o consumo da mídia. Seu desenvolvimento teórico tem atraído, nas últimas décadas, acadêmicos, instituições internacionais (ex. ONU, OCDE), partidos políticos, governos nacionais e locais, e organizações do terceiro setor.

No entanto, os estudos dos teóricos da comunicação que se preocupam em avaliar a contribuição da comunicação, enquanto processo, meio e mediadora na formação e/ou no declínio do capital social, são ainda incipientes. Possivelmente, a comunicação é vista como um epifenômeno<sup>1</sup> no processo, e não como parte fundamental dele. É exatamente essa hipótese que me instiga a buscar caminhos para uma compreensão mais clara da relação entre comunicação e capital social.

Este artigo é um exemplo dessa busca, e se propõe a discutir a natureza e as inter-

\* Este artigo é fruto de uma pesquisa financiada pela Capes.

<sup>1</sup> Fenômeno que vem juntar-se a outro, mas sem influenciá-lo.

faces do capital social, especialmente em relação às TIC's.

Na primeira parte, o texto apresenta alguns conceitos fundadores de capital social que antecederam os do cientista político Robert Putnam – um marco nessa vertente de pesquisa. Na tentativa de uma aproximação entre a cultura de confiança e os comportamentos cooperativos, a análise vai se deter em Fukuyama e Sennett – tentando apontar as interferências do capitalismo flexível e da cultura da confiança no estoque de capital social.

Em seguida, o artigo abordará alguns estudos sobre a inter-relação entre a comunicação mediada pelo computador (neste caso, a internet) e o capital social. Sem pretender uma comparação entre as tendências, indicamos brevemente algumas abordagens anglo-americanas, francesas e brasileiras, destacando alguns impactos desta inter-relação em duas pesquisas.

Na última parte, mais do que concluir, o artigo vai apontar alguns impasses e desafios no campo teórico e metodológico do estudo do capital social, sempre na tentativa de suscitar o aprofundamento nesse campo de pesquisa tão promissor à Teoria da Comunicação.

### ● Capital social: emergência e desenvolvimento

Aléxis de Tocqueville, na sua obra *Democracia na América*, desenvolveu uma reflexão de democracia entendida não como forma de governo, mas como um movimento histórico que conduz à igualdade de condições. O livro tem sido referência para as pesquisas de Roberto Putnam (um dos principais autores que trabalham com o capital social) e para estudos voltados para a relação entre democracia e sociedade civil.

Analisando as características das associações na América, Tocqueville assinala que essa maneira de agir em comum se beneficia do apoio de um conjunto de instituições (tipo de eleição, governo local, liberdade de

imprensa, júri popular e associações) que facilitaria a aproximação entre os indivíduos, oferecendo a oportunidade de compartilhar os problemas quotidianos e incentivar a força da interdependência recíproca. A liberdade de associação serviria, assim, para os cidadãos se conhecerem uns aos outros e definirem objetivos comuns, para se reunirem e nomearem seus mandatários encarregados de cuidar de seus interesses. Mas as associações iriam além do *status* político: “Phillipe Chaniel assinala que as associações ocupam, no modelo de Tocqueville, o papel da mão invisível de Adam Smith. São elas que servem, com efeito, para ligar os interesses particulares e públicos” (ver Bevort e Lallement, 2006:74).

O conceito de capital social surgiu no campo da sociologia com Pierre Bourdieu, que o definiu como “o conjunto de recursos atuais e potenciais que estão ligados à posse de uma rede durável de relações mais ou menos institucionalizadas de interconhecimento e inter-reconhecimento” (Bourdieu, 1980:2). Ou, nos termos de outro autor: “Estar socialmente inserido no grupo significa, para o indivíduo, a busca de proveitos materiais e simbólicos e, entre os membros, implica na transformação das relações contingentes (vizinhança, trabalho, parentesco, necessárias e escolhidas), implicando obrigações duráveis subjetivamente acompanhadas de (sentimentos de reconhecimento, respeito, amizade) ou garantidas institucionalmente” (Pontieux, 2006:46). Assim, além de atributo individual, o capital social é visto como componente da ação coletiva, ativando as redes sociais.

Em *Bowling alone* (2000), Putnam considera a educadora Lyda J. Hassifan como a que primeiro definiu o capital social (“um conjunto de relações sociais marcadas pela boa vontade, camaradagem e simpatia”), atributos muito próximos do *goodwill* preconizado para definir as Relações Públicas. No entanto, o próprio Putnam reconhece que o termo *capital social* já tinha sido usado por J. Jacobs em 1961,

embora deva-se a Coleman a exploração de seu potencial heurístico.

O mesmo Coleman (1990), apoiando-se em Granovetter (1983), ofereceu uma distinção entre o capital físico, o capital humano e o capital social. O capital social seria constituído por três características: as obrigações e expectativas que ajudam a estruturar a confiança entre os membros da rede; a capacidade da estrutura social para gerar e colocar em funcionamento os fluxos de informação; e as normas que regem o processo.

Tanto Coleman como Bourdieu chamam a atenção para a intangibilidade do capital social se comparado, por exemplo, ao capital econômico e/ou físico dos bens materiais e financeiros. Alejandro Portes identifica o capital humano com o conhecimento e as habilidades, e, num esforço de contraste, associa o capital social com a dimensão e a qualidade das relações sociais. Na prática, este “volume” de capital social seria identificado com o nível de envolvimento associativo e de comportamento participativo numa comunidade: “Para possuir capital social, um indivíduo precisa se relacionar com outros, e são estes – não o próprio – a verdadeira fonte dos seus benefícios” (Portes, 2000:139).

Os cientistas políticos introduziram uma viragem conceptual interessante ao fazerem equivaler o capital social ao nível de “civismo” em comunidades como vilas, cidades ou países. Para Robert Putnam, o mais proeminente defensor desta abordagem, capital social seria uma “característica de organizações sociais, como as redes, as normas e a confiança, que facilitam a ação e a cooperação com vistas a um benefício mútuo” (Putnam, 1995:67).

Embora a noção de capital social abarque campo vasto e diversificado, o uso do conceito apóia-se no mesmo objetivo: compreender como os atores sociais e as instituições podem, partindo de interesses comuns, atingir objetivos comuns, por meio de ação conjunta qualitativamente diferente de uma simples agremiação quantitativa. E a condição essencial para que isto ocorra, é que o

indivíduo pertença a uma comunidade civicamente engajada, participando em variadas redes de interação.

De ponto de vista da abordagem deste artigo, identificamos quatro pólos do estudo recente do capital social que deveriam ser mencionados: a confiança, a reciprocidade, a erosão do caráter, e as redes sociais como fatos de acumulação do capital social.

Em Fukuyama (1995), o conceito de capital social foi centrado no *laisser-faire* e no reconhecimento da confiança como “virtude” da cultura de determinados países e regiões. A tese do “fim da história”, que Fukuyama havia proposto anteriormente, chamou a atenção para a entrada de nossa sociedade em um mundo uniformizado pela economia de mercado. Para se adaptar a essa nova situação, seria necessário deixar a regulação para o mercado, e, como forma de compensar os efeitos desta opção, ativar-se-ia o capital social, aqui entendido como expressão das capacidades auto-organizativas da sociedade.



*Os cientistas políticos fizeram equivaler a viragem conceptual de capital social ao nível de “civismo” em comunidades como vilas, cidades ou países*

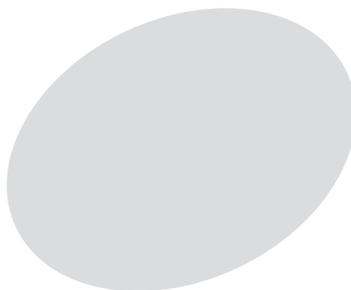
Segundo Fukuyama (1995), o “capital social se define principalmente como uma cultura da confiança, produzida pela religião e, sobretudo, no ambiente familiar. As características variam segundo as diferentes tradições culturais: quanto menos o Estado intervém para modificar as dinâmicas sociais maior será a capacidade de se adaptar ao mercado” (ver Bagnasco, 2006:63).

Ao comparar alguns países, o autor assinala índices de alta confiança na Alemanha,

Japão e EUA, em relação a Taiwan, Hong Kong, Itália e França, onde, ao contrário, a desconfiança é visivelmente elevada.

A obra de Richard Sennett (1999) também oferece a possibilidade de estabelecer um paralelo entre a corrosão do caráter e o declínio do capital social. Nesta pesquisa, o objetivo de autor foi examinar a motivação dos indivíduos em relação aos comportamentos cooperativos e à compatibilidade com as novas formas de integração. Esta questão foi examinada igualmente por Zygmunt Bauman, Ulrich Beck e Antony Giddens.

*O ponto de partida é indagar se é possível alimentar a confiança nas relações sociais numa rede social, além das relações interpessoais restritas*



Sennett utiliza o termo caráter para “designar sobretudo os traços permanentes de nossa experiência emocional que se exprime pela confiança e o engajamento recíproco, na tentativa de atingir os objetivos de longo prazo ou ainda, para retardar a satisfação, visando a um objetivo futuro” (Sennett, 1999:65).

A constatação interessante na obra de Sennett é que as causas prováveis da corrosão do caráter são as mesmas que afetam o capital social. Ele indaga: por que cooperar com as instituições? Por que se comportar de maneira correta com o outro? Por que articular os interesses pessoais e públicos? Justifica-a da seguinte forma: “um sistema político que não fornece aos seres humanos as razões profundas para que os indivíduos se interessem uns pelos outros, não pode conservar sua legitimidade por longo tempo” (Sennett, 1999:66).

Alguns pontos das idéias de Sennett foram examinados por Bagnasco (2006:51-

70), como por exemplo: as conseqüências do novo tipo de trabalho sobre o caráter, a mobilidade profissional e o enfraquecimento dos laços de dependência recíproca. Este autor indaga: se o capitalismo flexível necessita igualmente de uma personalidade flexível, dotada de elasticidade, capacidade de adaptação, de participação ativa num processo contínuo de inovação, isto contribuiria para o enriquecimento do caráter?

De fato, o que o capitalismo flexível pede é uma capacidade contínua de abandonar tudo que é passado e se adaptar às contínuas transformações do ambiente de trabalho, incluindo demissões em massa e terceirização. Um documento, dos anos 80, do Congresso americano já indicava algumas conseqüências desta mudança: mais de  $\frac{1}{4}$  de assalariados desempregados; para os que permaneceram empregados, uma degradação salarial, e, sobretudo, a impossibilidade de pensar numa carreira progressiva. Volta-se à questão: qual a relação do caráter e do capital social com esta nova realidade? Está aí uma provocação para o aprofundamento da questão proposta.

Outra abordagem do capital social refere-se aos laços sociais, uma vez que, por definição, o capital social supõe a existência de laços de dependência recíproca: laços intensos, personalizados, carregados de emoção; ou laços fracos, funcionais, ainda que duráveis, reconhecidos e respeitados.

Granovetter (1984) e Lin e Burt (2001) estabelecem uma diferenciação entre laços fracos e fortes. Os laços fortes caracterizam-se pela proximidade, intimidade e, sobretudo, pela intencionalidade de construir e manter os laços – como é o caso das ligações familiares. Os laços fracos seriam ocasionais, esparsos, e, formais ou informais, não se baseariam em intimidade. Degenne e Forsé (2004) admitem um tipo de laço multiplexo, envolvendo várias modalidades de relações sociais de um grupo que interage mais ou menos continuamente no trabalho e fora dele, em atividades de lazer ou de natureza próxima.

Raquel Recuero faz uma discussão interessante sobre os vínculos entre laço social, relações sociais e interação social: um laço, que é uma conexão entre dois atores, é composto de relações sociais; e relações sociais são compostas por interações sociais. Mas a interação social “é aquela ação que tem um reflexo comunicativo entre o indivíduo e seus pares” (Recuero, 2007:1).

Referindo-se a Breiger, a autora considera que a constituição do laço social pode não depender apenas de interação. No caso dos laços de associação, a interação seria de outra ordem, sendo necessário apenas um sentimento de pertencimento a um determinado local, instituição ou grupo. A autora considera, ainda no contexto indicado, “os laços associativos como meras conexões formais, que independem de ato de vontade do indivíduo, bem como investimento social” (Recuero, 2007:2).

Segundo Putnam, os indivíduos têm mais chance de mudança de vida, quando fazem parte de uma comunidade fortemente engajada civicamente. Desta forma, os laços sociais e o engajamento cívico teriam influência preponderante sobre a vida privada e pública. Este é o objeto principal do estudo que o autor desenvolveu sobre as tendências da América contemporânea e o nível de capital social.

As redes de interação alargariam enormemente a consciência dos membros, permitindo que eles desenvolvam um “eu” e um “nós”, ou, para retomar os termos dos teóricos da escolha racional, pode-se dizer que a presença dessas redes reforçaria o gosto dos indivíduos pelos benefícios coletivos (ver Bevort e Lallement, 2000:37-38).

Na abordagem de Levi (ver Lemos, 2003), centrada sobre a sociedade do conhecimento, o capital da inteligência coletiva constitui-se pela valorização dos capitais social, intelectual, cultural e técnico. O capital social seria indicado pela densidade e qualidade das redes relacionais e das associações. O capital intelectual referir-se-ia ao valor da concepção original e da propriedade intelectual, aliado ao capital humano e às obras e concepções

originais. Já o capital cultural estaria vinculado ao teor e à organização “enciclopédica” de uma cultura. Por fim, o capital técnico seria a soma do estado geral das técnicas, redes de transporte e de comunicação, mídias, computadores, softwares, suportes de memória e de percepção coletiva (Lemos, 2003:4).

### ● Capital social e TIC's: a posição de Putnam

Embora cada autor tenha contribuído à sua maneira para enriquecer a base teórica e metodológica acerca do conceito, o capital social só disseminou-se e tornou-se um marco para a pesquisa, a partir dos trabalhos de Robert Putnam, de 1995 e de 2001.

Para compreender o ponto de partida da argumentação, desenvolvida por Putnam, é preciso assinalar que sua trajetória começou com a publicação de *The prosperous community: social capital and public affairs*, em 1993, como resultado de um estudo comparativo feito entre províncias do norte e do sul da Itália. O objetivo era compreender os fatores a influenciarem e a explicarem o sucesso-fracasso das províncias, umas em relação às outras.

As províncias onde instituições e iniciativas democráticas funcionaram, em suma, foram aquelas “comunidades cívicas” do norte da Itália, que valorizam solidariedade, participação cívica e integridade. De outro lado, documentou-se o fracasso de comunidades “incívicas” do extremo sul italiano, dotadas de parca vida pública associativa e onde se acredita que os assuntos públicos são problemas dos outros (Gomes, 2006:6).

Assim, a razão do sucesso de algumas províncias foi explicada por Putnam pela presença do capital social: trata-se de comunidades com níveis consideráveis de engajamento cívico, confiança generalizada, respeito às normas de reciprocidade, configurando um sentido de responsabilidade pelos assuntos públicos.

Lallement e Bevort (2006) apontam a publicação do artigo *Making democracy*, de Pu-

tnam, em 1995, como o ponto decisivo para o desenvolvimento de inúmeros estudos correlacionando o índice de capital social com os níveis educacionais, nutricionais, de saúde e de desenvolvimento econômico e social.

Além deste artigo, é preciso lembrar que uma resenha publicada na revista *The Economist*, em fevereiro de 1996, provocou uma grande reação no período que precedeu à eleição presidencial americana neste mesmo ano. Putnam foi recebido por Bill Clinton, conseguiu um considerável subsídio para suas pesquisas, criou uma equipe virtual de especialistas em engajamento comunitário (seminário Saguaro), dirigiu um programa de pesquisas para o Banco Mundial sobre capital social, e, cerca de quatro anos mais tarde, publicou em livro uma versão ampliada de seu trabalho.

Neste livro de 2000, Putnam busca dimensionar a qualidade e a intensidade do engajamento cívico e sua respectiva relação com o estoque de capital social. No entanto, trata-se de entender as razões do declínio do engajamento cívico e a erosão do capital social na política e na vida social americana.

Como o presente artigo visa analisar a relação entre capital social, TIC's e internet, deixo de mencionar os resultados gerais apontados por Putnam, para me concentrar no específico impacto da revolução tecnológica no lazer e no volume de capital social.

Segundo a análise de Putnam, tudo levaria a crer que a evolução tecnológica tenha provocado uma crescente privatização e/ou individualização do tempo de lazer; o que poderia ter-se constituído em entrave para a formação do capital social. A situação aplicar-se-ia à TV, à internet e aos jogos eletrônicos, assim como ao cinema, ao DVD e ao telefone celular – e a outras tecnologias convergentes: MP3, GPS, etc. A questão que se coloca é se a tecnologia estaria criando um fosso entre os nossos desejos e as nossas necessidades individuais e coletivos.

Analisando as posições assumidas por Putnam em relação ao consumo de TV como uma das causas do declínio do capital social, Wilson Gomes considera que:

É preciso somar à televisão um outro conjunto de entretenimentos eletrônicos que competem pelo nosso tempo livre. À televisão como indústria e fornecedora de entretenimento se junta a televisão como eletrodoméstico (o que a torna comparável ao gravador de vídeo e os games). Adicionando-se a isso a internet e os computadores – que depois serão vistos como uma das esperanças do renascimento das redes cívicas –, estende-se o “tempo de tela” (screen time) que nos prende em casa (Gomes, 2006:19).

E a questão passaria a ser como estabelecer a diferença de comportamento social entre o tempo de tela de TV e o tempo de tela de computador, uma vez que a convergência tecnológica possibilita cada vez mais o acesso a notícias, entretenimento, cinema e documentários, tanto na TV quanto na internet.<sup>2</sup>

Contudo, não pretendemos aprofundar esta questão; mas sim discutir a relação entre o capital social e o uso da internet, baseados especialmente em duas pesquisas<sup>3</sup>, em que foi avaliado se o uso da internet poderia ser responsabilizado pelo grau de socialização e pela queda da confiança e do engajamento cívico dos internautas – e a relação dessas tendências com o capital social. O ponto de partida desses estudos é indagar se é possível alimentar a confiança nas relações sociais e comunicativas numa rede social, além das relações interpessoais restritas. Vale notar que, até onde sabemos, existe pouca pesquisa sobre o papel da comunicação social e organizacional sobre o capital social, e que, geralmente, a comunicação é entendida como mídia ou suporte, portanto, comunicação mediada.

Baseando-se no estudo de Gary Steiner, Putnam vê as relações mediadas por dispositivos técnicos como uma forma de induzir a privatização do tempo livre, diminuindo os contatos interpessoais diretos. Segundo ele, a “internet é assim percebida como um espaço

<sup>2</sup> Já é possível acessar a internet via TV e vice-versa, embora ambas as coisas não tenham ainda uso disseminado.

<sup>3</sup> Wellman et alli (2001) e Uslaner (2000).

de simulação da maior parte das formas clássicas de conectividade social e de engajamento cívico, não sendo capaz de criar os mesmos benefícios produzidos pelo capital social nas relações face a face” (Putnam, 2000:170).

As pesquisas norte-americanas (e em menor escala as européias) têm abordado a noção de capital social em duas versões: comunicação interpessoal e atividade relacional; participação dos indivíduos na vida da cidade e engajamento cívico. A maior parte dessas pesquisas vai cuidar de esclarecer o uso das TIC's e da internet como forma de crescimento ou de restrição ao capital social.

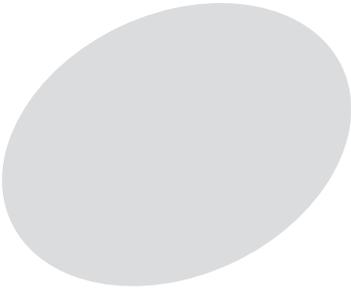
Enquanto Lin (2001) admite que a internet contribuiu para o crescimento do capital social; Jones (1998) e Wellman (2001) demonstram como a internet vem transformando a estrutura dos relacionamentos entre indivíduos que estão distantes; já outros autores, como Hampton et Wellman (1999) e Horrigan (2002), apontam que os laços aí criados são mais eletivos e fundados sobre comunidades de interesses; por outro lado, Ulsaner (2000) defende que a internet nem cria nem destrói capital social. O estudo Pew internet (ver Ulsaner) coloca em dúvida qualquer enfraquecimento do capital social, e chama a atenção sobre a diferenciação de práticas segundo o gênero do usuário.<sup>4</sup>

### Estudos franceses sobre TIC's e capital social

Na França, a tendência tem sido uma abordagem da sociologia dos usos (Jouet, 2000; Flichy, 1995) bem como a análise dos impactos sócio-econômicos e as políticas da sociedade da informação (Miége, 2007; Tramblay, 1995; Curien e Muet, 2003; Bouquillon e Paillart, 2006; Pontieux, 2006).

A vertente que interessa a este artigo é a sociologia dos usos, em relação à crescente especialização das TIC's e das novas formas de interação social por elas mediadas. Por

<sup>4</sup> Algumas destas pesquisas são muito criticadas pelo seu caráter quantitativo.



*O uso do Orkut e do YouTube tem tomado rumos inesperados, tanto em relacionamentos nas redes sociais como na apropriação dos fatos em primeira mão*

exemplo, a inserção de imagem e texto na telefonia móvel, vem possibilitando formas renovadas de laços interpessoais.

Uma evidência desta vertente de estudos é que a tecnologia não é sinônimo de degradação das relações interpessoais, ou seja, haveria estreita relação entre a comunicação telefônica, fixa ou móvel, e os encontros pessoais: quanto mais as pessoas se vêem, mais “se telefonam” (ver Granjon e Lellong, 2006:169).

Entre os estudiosos do campo, Jouet (2000) apresenta algumas observações pertinentes ao uso social da tecnologia: observa, por exemplo, que este uso se apóia sobre uma forma de apropriação, ou seja, o usuário vai configurando seu uso segundo suas fontes de interesse; além disso, a polivalência das TIC's prestar-se-ia a aplicações diversas (lúdicas, profissionais e funcionais), sem um limite claro para essa apropriação.

O uso do Orkut e do YouTube, por exemplo, tem tomado rumos inesperados, tanto do ponto de vista dos relacionamentos nas redes sociais, como na apropriação dos fatos em primeira mão. O que tem ocorrido é que o indivíduo que registra o fato (com imagens, sons e relatos pessoais sobre um evento) passa a ser extremamente valorizado pela mídia que “compra a informação”, além de reconfigurar a relação do jornalista com o fato e com o público.

A pesquisa francesa também tem discutido a especificidade do espaço público eletrônico: questiona se esses micro-grupos se fundamentam num compartilhamento de afinidades eletivas e se limita a uma troca imaterial, ou se eles se fundamentam num

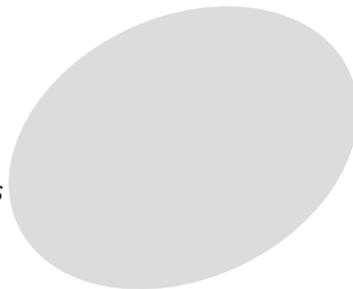
desejo de uma passagem de uma sociabilidade na internet para uma sociabilidade face a face, reintroduzindo a importância da proximidade espacial na construção das redes de relacionamento - síncronas (Skype, Messenger) ou assíncronas (fóruns, e-mail, blogs); em espaços abertos (portais, páginas) ou fechados (Orkut, Joost).

Para Jouet, “os usos das TIC’s, sejam domésticos ou profissionais, não se constroem num vácuo, mas se inserem nas relações sociais do poder que atravessam as estruturas sociais, as formas de dominação, sendo mais ou menos pronunciadas e moduláveis, segundo a cultura das empresas e das células familiares” (Jouet, 2000:6)

### ● Relações entre capital social e internet

Acerca dos efeitos da internet sobre o capital social, Quan-Haase e Wellman (2002:3) propõem três diferentes abordagens: a internet transforma positivamente o capital social; a internet contribui para o declínio do Capital social; e a internet tem efeito complementar sobre o capital social.

*Segundo Uslaner,  
a internet nem destrói  
nem cria capital social,  
dado que na rede  
existem tantos altruístas  
e inescrupulosos  
quanto na vida real*



– A internet transforma o capital social: alguns fatores contribuem para que a internet ofereça um meio a mais de comunicação para comunidades com interesses comuns. Além dos baixos custos de aquisição-uso do computador e de sua natureza assíncrona, a internet conduz a uma transformação no contato social e no envolvimento cívico, permitindo agregar as redes sociais disper-

sas e a criar movimentos de solidariedades locais e grupais.

Wellman sugere que a esfera digital conduzirá a novas formas de comunidade, ao prover um espaço de encontro de pessoas com interesses comuns, ultrapassando limitações de espaço e tempo, independente do nível econômico, cultural e da etnia.

Putnam observa que o declínio da participação organizacional pode não refletir o desengajamento da comunidade, mas mostrar, antes, a comunidade tornando-se permeada por redes digitais, ao contrário de por grupos de proximidade física e tradicional; em resumo, estaria havendo uma migração da participação comunitária do espaço público convencional para o espaço público virtual (o cyberspaço) (ver Quan-Haase e Wellman, 2002).

Os resultados da pesquisa Pew internet (ver Uslaner) indicam que a internet não apenas provê uma nova esfera de comunicação, mas também ajuda a estabelecer novas relações sociais, que seriam continuadas *offline*, criando uma interação entre o *online* e o *offline*.

Evidências do estímulo da internet para o aumento do contato social vêm de um estudo etnográfico de uma nova área residencial (NetVille) equipado com acesso banda larga, no subúrbio de Toronto. O estudo mostra que, graças especialmente à internet (mas não exclusivamente a ela), as pessoas socializam mais com seus vizinhos. Não apenas conheceram mais vizinhos locais, como também usaram a internet para se relacionar com amigos próximos e distantes. Os residentes tornaram-se glocalizados: envolvidos tanto localmente como a maiores distâncias. A internet ajudou as pessoas a encontrarem-se e trocar mensagens na área residencial, e foi usada como ferramenta para organizar e mobilizar (Hampton and Wellman, 1999).

– A internet diminui o capital social: com suas capacidades de informar e entreter, a internet afasta as pessoas da família e os amigos. Ao facilitar a comunicação e o envolvimento global, a internet tende a reduzir o interes-

se do internauta pelas questões próximas da vida pública e da comunidade local.

Uslaner (2000) assinala que nem toda atividade da internet é social. De fato, ela é também orientada para a busca de informação ou divertimento solitário, o que poderia afastar ou reduzir o contato face a face e mesmo telefônico entre as pessoas.

Alguns pesquisadores vêem um paralelo entre os efeitos da TV e da internet. Ambas as tecnologias afastam as pessoas de seu ambiente imediato, alienando-as da interação social e do engajamento cívico. Entretanto, a rede de televisão não é uma comparação adequada para a internet: a internet é socialmente mais interativa, enquanto a TV é mais imersiva, ou seja, tende a engajar e absorver mais o telespectador. Na internet, o envolvimento é, neste sentido, menor.<sup>5</sup>

– A internet suplementa o capital social: a internet envolve-se na vida das pessoas. É outro meio de comunicação para complementar as relações sociais existentes e confirmar os padrões seguidos de engajamento cívico e socialização. As pessoas usam a internet, o telefone fixo ou móvel o iphone e o contato pessoal, no entanto continuam mantendo seus *hobbies* e interesses políticos *offline*. Isso sugere que a internet pode contribuir para ampliar os padrões existentes de contato social e de envolvimento cívico.

Quan-Haase e Wellman esclarecem que essas conclusões foram baseadas na discussão sobre a relação do uso da internet com o contato social, partindo de uma pesquisa prévia do NetLab, e usando especialmente os dados do *survey* de 2000 (hospedada no site da National Geographic Society).

Uslaner (2000) é um dos autores que considera as novas relações na internet como mais eletivas e fundadas numa comunidade de interesses. O autor aponta algumas dificuldades para dimensionar o atributo da confiança que, em

Putnam, é fundamental para que haja reciprocidade e engajamento cívico. Ele reconhece que podemos encarar a rede de duas maneiras: tanto como possibilidade de aproximação entre pessoas, e como responsável pelo desaceleramento do engajamento cívico e dos laços sociais.

A seguir apresentamos um resumo de alguns pontos que consideramos centrais em Uslaner sobre o uso da internet, sociabilização e confiança.

Se Putnam (2000:170-171), quando analisa as possíveis causas do declínio do capital social, mostra-se agnóstico sobre os efeitos positivos ou negativos da internet, Uslaner parece assumir uma postura igualmente complexa. Este último autor está de acordo que nos últimos anos temos nos tornado menos confiantes, e que a participação do cidadão na vida pública tem estado cada vez mais contida.

Contudo, Uslaner pensa que “há pouca sustentação no argumento de que a rede é a solução para as pessoas que não confiam nas outras (nem) há nenhuma evidência de que as pessoas que passam mais tempo on-line são mais predispostas a confiar nos outros” (2000:3), e conclui de certa forma agnóstico: a internet nem destrói nem cria capital social, dado que na rede existem tantos altruístas e inescrupulosos quanto na vida real cotidiana. A internet, ao espelhar a vida real, seria semelhante a ela: nos dois ambientes as pessoas compram, lêem o noticiário, planejam as férias e fazem contatos sociais.

Uslaner observa que a questão entre o engajamento cívico, a confiança e a socialização é mal colocada. Confiar numa pessoa fora do círculo próximo significa confiar num estranho. Por outro lado, confiar no outro seria o resultado do compartilhamento de valores, e do aprendizado no ambiente familiar. Confiança é, sem dúvida, essencial para a vida civil e cooperativa, mas convive forçosamente com outras formas de socialização, tais como visitar amigos, ver televisão, ou surfar na internet.

Mas o que dizem os dados dos *surveys* de 1998 e 2000 sobre a ligação entre o capital social e a internet? Uslaner explica que o *survey*

<sup>5</sup> Novamente, com a convergência, pode-se assistir televisão via internet (ver Joost, por exemplo), e pode-se navegar via televisão (ver MyWeb, por exemplo). Contudo, ambas as coisas são incipientes.

de 1998 tem boas questões sobre a Internet e socialização. Perguntou-se a 2000 americanos sobre seus hábitos *online*, redes sociais e o nível de confiança interpessoal e no governo. No *survey* de 2000 os dados abordam o uso da Internet, incluindo ações de solidariedade entre internautas e outras questões gerais que refletem o nível de confiança (mas não ofereceu medidas dos suportes sociais da rede). Nenhum dos dois *surveys* indagou sobre o engajamento em grupos e associações. Pelas diferenças entre os dois modelos, Uslaner conclui que não é possível comparar os dois *surveys* mencionados.

Resumidamente, os dados dos dois *surveys* mostram que a internet é usada para a troca de emails, informações sobre saúde, negócios, compras e as diversas formas de expressão de pontos de vista. A confiança parece não significar nada (ou muito pouco) neste relacionamento virtual.

Por outro lado, alguns resultados revelam que os internautas são mais inclinados a confiarem uns nos outros. A rede contém vários perfis de internautas: sociáveis, solitários interessados em expor e trocar opiniões, ou dispostos apenas a se informar – pesquisando sobre determinados temas. No entanto, há pouca razão para esperar que as pessoas, permanecendo on-line, vão aumentar sua confiança e sociabilidade (Uslaner, 2000:10-14).

Há duas exceções ao padrão geral: as salas de bate-papo oferecem a esperança de que as pessoas de diferentes *backgrounds* possam estar juntas e aprendam a confiar umas nas outras. Uma segunda tendência indica que indivíduos que freqüentam chats e fazem amigos na rede não são nem mais nem menos sociáveis do que outros: também visitam a família e conversam com amigos fora da rede.

Recuero (2007) concorda que “a conexão entre as pessoas via comunicação mediada pelo computador pode aumentar o senso de comunidade. Mas ao evocar este tipo de conexão, no caso do Orkut, lembra que o surgimento das comunidades (virtuais) depende diretamente de como as pessoas utilizam as

ferramentas (se de forma relacional ou não), e igualmente da apropriação coletiva da tecnologia” (Recuero, 2007:14). Sua conclusão é: a existência da rede onde as pessoas podem se conectar (Orkut e blogs) não garante a existência de laços sociais fortes, nem a criação e a sedimentação do capital social entre as pessoas que participam desse espaço coletivo.

## Recomendações e conclusões

De um modo geral, os autores analisados assumem três posições com respeito à interface entre atores sociais, TIC's e capital social:

1) principalmente entre franceses e canadenses (Proux et alli, 2006; Trambly, 1995; Hampton e Wellman, 1999), os autores reconhecem a existência de um espaço relacional, e da importância de conhecer o seu uso social, voltando-se para o estudo da apropriação da tecnologia e da mobilização dos diferentes meios de comunicação como indicadores da presença ou declínio do capital social.

2) principalmente entre anglo-americanos, os autores abordam a questão prioritariamente de modo quantitativo para determinar o perfil médio e os dados demográficos do usuário da rede, encarando a questão da socialização e do capital social apenas via medidas de uso da rede (duração, freqüência, número de interlocutores, etc), e comparando estes usos por referência a outras formas de socialização face a face.

3) uma terceira abordagem procura relativizar os efeitos das TIC's sobre o capital social, e sobre a confiança e o engajamento cívico. Wellman, por exemplo, considera que a internet não é somente uma tecnologia evolutiva por estar constantemente se recriando, mas também uma tecnologia social. Recusa aceitar o determinismo tecnológico acerca das tendências sociais implicadas pela internet, lembrando que o seu desenvolvimento tanto entra em ressonância quanto responde às tendências sociais.

Quanto ao uso, Wellman e Uslaner consideram que nem todo uso da Internet é social. Ainda que o email seja habitual, a

internet é cada vez mais uma ferramenta ampla de busca de informações. Quanto a outros tipos de comunicação, mediadas por computador (blogs, chats, etc), é preciso considerar as diferentes formas em que podem afetar o capital social. Logo, a análise desses impactos será diferente se aplicada aos diferentes usos da internet.

Alguns impasses conceituais e metodológicos têm dificultado o estudo da correlação entre tecnologias e capital social.

Primeiro, as mudanças contínuas sobre as formas de sociabilização têm criado uma necessidade de desenvolver novos modelos de conceituação e mensuração da comunidade: “considerando que a socialização ocorre além da vizinhança local, abordagens úteis definem a comunidade, não em termos de localidade, mas como redes sociais de laços interpessoais que provêem sociabilidade, apoio, informação, um senso de pertencimento e identidade social” (Granjon e Lelong, 2006:12).

Segundo, a questão metodológica tem início nos próprios instrumentos adotados por Putnam para medir o nível de capital social – tanto na pesquisa das províncias italianas quanto nos estudos que deram origem ao livro *Bowling alone*.

Portes e Pontieux centram as críticas na questão da circularidade – enquanto o capital social é visto como atributo de comunidades e nações, e não dos indivíduos (como propôs Bourdieu), ele é causa e

efeito. Lallement e Bervort, entre outros, chamam a atenção para a insistência de Putnam em considerar a comunicação face a face como modo prioritário de criar e sustentar o capital social – e colocam à vista a dificuldade de Putnam de lidar com outras formas de comunicação, e.g. as mediadas por computador.

Para o propósito deste artigo, consideramos que a internet pode estar contribuindo para novas formas de interação em diferentes tipos de comunidade; mas que o uso de indicadores padrões de medida de capital social pode não ser adequado para captar o impacto dessas novas formas nestas novas “localidades”. Uslaner foi ao ponto quando disse:

O fato de que as pessoas não estarem interagindo em espaços públicos visíveis não significa que elas estejam isoladas. Elas podem estar on-line para criar novos mundos virtuais, usando o chat com amigos novos ou antigos, visitando comunidades *online*, ou jogando com vários usuários. Com a internet faz-se necessário redefinir nossa compreensão do que é o capital social.

Finalmente, cremos ser necessário aprofundar a relação entre as variáveis citadas, incluindo as contribuições dos estudos da comunicação política e da centralidade da mídia no processo democrático contemporâneo, além de uma busca de novos caminhos para a pesquisa na teoria da comunicação social e organizacional.

## Referências

- BÉVORT, Antoine; LALLEMENT, Michel. (dir). *Le capital social: performance, équité et réciprocité*. Paris: La Découverte, Mauss, 2006.
- BAGNASCO, A. "Capital social dans un capitalisme en mutation". In: BÉVORT, Antoine; LALLEMENT, Michel (dir.). *Le capital social: performance, équité et réciprocité*. Paris: La Découverte, Mauss, 2006, pp. 51-70.
- BEVORT, A.; LALLEMENT, M. "Introduction. Le capital social: territoires et tribulations". In: BEVORT, A.; LALLEMENT, M. (dirs). *Le capital social: performance, équité et réciprocité*. Paris: La Découverte, Mauss, 2006.
- BOUQUILLION, Philippe; PAILLIART, Isabelle. *Le déploiement des TIC's dans les territoires*. Grenoble: PUG, 2006.
- BOURDIEU, Pierre. "Le capital social: notes provisoires". *Actes de la recherche in sciences sociales*, n. 31, 1980, pp.2-3.
- COLLEMAN, James. "Social capital in the creation of human capital". *American Journal of Sociology*, n. 94. Suplement, 1988, pp. 95-120.
- \_\_\_\_\_. *Foundations of social theory*. Cambridge: Harvard University Press, 1990.
- CURIEN, Nicolas; MUET, Pierre-Alain. *La société de l'information: rapport remis au conseil d'analyse économique*. Paris, 2003, pp. 9-77.
- DEGENNE, A.; FORSÉ, M. *Les réseaux sociaux*. Paris: Armand Colin, 2004.
- FLICHY, Patrick. *La innovation technique*. Paris: La Découverte, 1995.
- FUKUYAMA, Francis. *Confiança: as virtudes sociais e a criação da prosperidade*. Rio de Janeiro: Rocco, 1996.
- GOMES, Wilson. "Tocqueville não via TV: capital social, democracia e televisão em Robert Putnam". *GT de Comunicação e Política no XVº Encontro da Compós na UNESP*. Bauru, 2006.
- GRANJON, Fabien; LELONG, Benoit. "Capital social, stratifications et technologies de l'information et de la communication". *Revue Réseaux*, n. 139, UMLV/Lavoisier, 2006, pp. 149-173.
- GRANOVETTER, Mark. "Economic action and social structure: the problem of embeddedness". *American Journal of Sociology*, v. 91, n. 2, 1984, pp. 481-510.
- HAMPTON, K.N.; WELMANN B. "Netville on-line and off-line". *American Behavior Scientist*, v. 43, n. 3, nov., Sage Publications Inc, 1999.
- \_\_\_\_\_. "The not so global village of a cyber society: contact and support beyond netville". In: Haythornthwaite, C.; Wellman, B. (eds.). *The internet and everyday life*. Oxford: Blackwell, 2002.
- JOUET, Josiane. "Retour critique sur la sociologie des usages". *Revue Réseaux*, n. 100, CNET/Hermès Science Publications, 2000, pp. 489-521.
- LEMOES, André. "Cibercidades: um modelo de inteligência coletiva". *XXVIº Intercom*. Belo Horizonte, Núcleo de TIC's, setembro de 2003.
- LIN, Nan; BURT, R. (orgs). *Social capital theory and research*. New York: Aldine de Gruyter, 2001.
- MATOS, Heloiza. "Comunicação Política e Comunicação Pública". *Revista Organicom*, n. 4. ECA/USP. São Paulo, 2006.
- \_\_\_\_\_. "Comunicação pública, esfera pública e capital social". In: DUARTE, Jorge. *Comunicação pública, estado, mercado e interesse público*. São Paulo: Atlas, pp 47-58, 2007.
- MIÉGE, Bernard. "La société de l'information: toujours aussi inconcevable". *Revue Européenne des Sciences Sociales*, tome XL, n. 123, pp. 41-54, 2002.
- \_\_\_\_\_. *La société conquise par la communication: les TIC entre innovation technique et ancrage social*. Grenoble: PUG, 2007.
- MUSSO, Pierre. (dir). *Réseaux et société*. Paris: PUF, 2003.
- PAILLIART, Isabelle; BOUQUILLION, Philippe. *Le déploiement des TIC's dans les territoires: le rôle des collectivités*. Grenoble: PUG, 2006.
- PONTHIEUX, Sophie. *Le capital social*. Paris: La Découverte, 2006.
- PORTES, Alejandro. "Capital social : origens e aplicações na sociologia contemporânea". *Revista sociologia, problemas e práticas*, n. 33, 2000, pp.133-158. Disponível em: <http://www.scielo.org>. Acessado em 8/8/2007.
- PROUX, Serge ; POISSANT, Louise ; SÉNÉCAL, Michel. *Communautés virtuelles: penser et agir en réseaux*. Laval: PUL, 2006.
- PUTNAM, Robert. "Bowling alone: america's declining social capital". *Journal of democracy*, vol. 6, n. 1, janeiro 1995, pp. 65-78.
- \_\_\_\_\_. *Bowling alone: the collapse and a revival of american community*. New York: Simon & Schuster, 2000.
- \_\_\_\_\_. "Measure and conséquences du social capital". *Insuma*, vol. 2, n.1, Spring 2001, pp. 47-58.
- QUAN-HAASE, Anabel; WELLMAN, Barry. "How does the internet affect social capital". In: HUYSMAN, Marleen; WULF, Volker (eds.). *IT and social capital*. Draft 4, november 12, 2002.
- RECUERO, Raquel da Cunha. "O estudo do capital social gerado a partir das redes sociais no orkut e nos weblogs". *Compós*. Curitiba, 2007.
- SENNET, Richard. *A corrosão do caráter*. Rio de Janeiro: Record, 1999.
- TRAMBLAY, Gaetan. "La société de l'information: du fordisme au gateisme". *Revue Communication*, vol. 16, n. 2, 1995.
- USLANER, Eric M. "The civic engagement and the internet". *Workshop on electronic democracy: mobilization, organization and participation via new ICTs*. University of Grenoble, 2000.
- WELLMAN, B., QUAN-HAASE.; WHITE J. and HAMPTON, K. "Does the internet increase, decrease or supplement social capital? Social networks, participation and community commitment". *American Behavior Scientist*, n. 45, vol. 3, 2001.